

Fernanda Martins D'Ávila

**OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS DE LUGAR E PAISAGEM EM
LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CATARINENSE**

Florianópolis

2018



Fernanda Martins D'Ávila

**OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS DE LUGAR E PAISAGEM EM
LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CATARINENSE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do Título de Bacharela em Geografia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Leila Procópio do Nascimento

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

D'Ávila, Fernanda Martins

Os conceitos geográficos de Lugar e Paisagem em livros
de literatura infantil e juvenil de catarinense /
Fernanda Martins D'Ávila ; orientadora, Leila Procópio do
Nascimento, 2018.

63 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

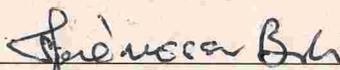
1. Geografia. 2. Ensino de Geografia. 3. Lugar. 4.
Paisagem. 5. Literatura infantil e juvenil. I. do
Nascimento, Leila Procópio . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Geografia. III. Título.

Fernanda Martins D'Ávila

**Os conceitos geográficos de Lugar e Paisagem em livros de literatura infantil e juvenil
catarinense.**

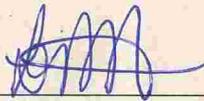
Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de
"Bacharela em Geografia" pela Universidade Federal de Santa Catarina e aprovado em sua
forma final pelo Programa de Graduação em Geografia.

Florianópolis, 22 de novembro de 2018.

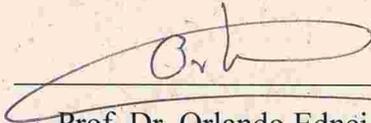


Prof. Dr. José Messias Bastos
Coordenador do Curso

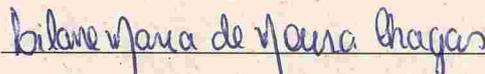
Banca Examinadora:



Profa. Dra. Leila Procópio do Nascimento (orientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Orlando Ednei Ferretti
Universidade Federal de Santa Catarina



Profa. Dra. Lilane Maria de Moura Chagas
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dr. Aloysio Marthins de Araújo Junior
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Elisandra de Souza Peres
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha mãe Neiva e à minha
filha Isadora: meu porto seguro!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por tudo que me deu principalmente o caminho a seguir.

Aos meus pais, Carlos e Neiva, pelos exemplos de pessoas que são, ao incentivo, amor incondicional, por serem pessoas maravilhosas, especiais e amigas. Amo vocês!

À Universidade Federal de Santa Catarina pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a. Leila Procópio do Nascimento pelo incentivo, força, dedicação durante a elaboração deste trabalho.

À professora doutora Lilane Maria de Moura Chagas e à professora doutora Elisandra de Souza Peres, ao professor doutor Aloysio Marthins de Araújo Junior e ao professor doutor Orlando Ednei Ferretti por aceitarem fazer parte da minha banca.

Agradeço especialmente à Tamara Régis, pelo apoio, incentivo, amizade e principalmente a todo auxílio ao longo desta jornada. Ao meu amigo e salvador de computador João Eller.

Agradeço ao meu amor: Eduardo Valadares, pelo apoio, parceria e ajuda com a normalização.

Agradeço ao meu querido amigo/irmão Eliézer Conceição pela parceria, apoio e carinho e todo auxílio durante esta jornada. Às minhas queridas parceiras desta jornada: Fabiana Martins, Aline Michelmann e Thaís Caroline Barreto pelos papos, risadas e muito café e a todos da turma 2012/2 que me acolheram como se da turma fosse, foi primordial para seguir e concluir o curso.

A amiga/irmã Marli que mesmo a distância está sempre presente.

A todos que de alguma maneira participaram desta trajetória!

"A literatura, como toda arte, é uma confissão de que a vida não basta".
Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso é resultado de uma pesquisa que integra a Ciência Geográfica à Literatura infantil e juvenil; faz um percurso metodológico que analisa o estado da arte de outras pesquisas nessa mesma temática e traz novos elementos para reflexão sobre a potencialidade da problematização de conceitos geográficos como: lugar e paisagem, na perspectiva da problematização e elaboração de propostas didáticas pela leitura dessas obras. Esta pesquisa é de natureza documental e bibliográfica. De forma geral o objetivo foi investigar os conceitos de lugar e paisagem nas obras de Literatura infantil e juvenil e propor atividades pedagógicas para os professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os objetivos específicos concentraram esforços em: Desenvolver uma reflexão sobre a Geografia Escolar e suas Categorias de Análise; Pesquisar como os conceitos de lugar e paisagem se constituem em termos de conteúdos do componente curricular Geografia; Estudar os conceitos de Lugar e Paisagem nas obras de Literatura Infantil e Juvenil catarinense; e, Propor possibilidades de trabalhos pedagógicos integrados pela Geografia e Literatura para turmas dos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Lugar; Paisagem; Literatura infantil e juvenil.

ABSTRACT

This study of conclusion of course is the result of a research that integrates geographic science into children's and juvenile literature; It makes a methodological course that analyzes the state of the art of other researches on this theme and brings new elements for reflection on the potentiality of the problematization of geographic concepts such as: Place and landscape, from the perspective of problematization and elaboration of didactic proposals for reading these works. This research is of a documental and bibliographic nature. In general, the objective was to investigate the concepts of place and landscape in the works of children and youth literature and to propose pedagogical activities for teachers in the early years of elementary school. The specific objectives focused on: develop a reflection on the school geography and its categories of analysis; Research how the concepts of place and landscape are constituted in terms of the contents of the curriculum component geography; Study the concepts of place and landscape in the works of children's literature and juvenile catarinense; And, propose possibilities of pedagogical works integrated by geography and literature for classes of elementary school initials.

Keywords: Geography Teaching; Place; Landscape; Children's and juvenile literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA.....	18
2.1 Os estudos dos conceitos: lugar e paisagem.....	23
3 A GEOGRAFIA NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CATARINENSE.....	29
3.1 Apontamentos sobre as formas de abordagens das categorias de análise lugar e paisagem nas obras analisadas.....	36
4 ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS IDENTIFICADOS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	40
4.1 Algumas proposições sobre possibilidades de trabalhos pedagógicos	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A – PESQUISA DO “ESTADO DA ARTE”.....	60

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pela literatura vem desde a infância, quando eu ia passar as férias na casa da minha avó paterna ela me contava histórias da Carochinha antes de dormirmos. E eu ficava imaginando todas aquelas fábulas, como seriam os lugares, as personagens, as vozes, características. Lembro-me da alegria quando minha madrinha me deu de presente de Natal a primeira coleção de livros. O cheiro, a textura, as palavras, as ilustrações, tudo tão novo e tão belo! Que sensação indescritível! Meu pai, como leitor assíduo que era também me inspirava. Quando adolescente, vivia na biblioteca do colégio e depois de ler toda a coleção, fui buscar maiores desafios frequentando a grandiosa Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, inclusive o local que me inspirou na escolha da profissão.

Acredito que a literatura propicie o aprendizado de forma lúdica e divertida, facilitando o que às vezes pode ser complicado para compreender e conciliada com o cotidiano torna-se bem interessante, instigando o conhecimento. A Literatura é tão importante na minha vida, pois tem o poder de me transportar a mundos distantes, a planetas, galáxias, ao que a minha imaginação quiser e permitir. Quando um livro me prende, vou devorando, lendo com entusiasmo cada palavra, cada página e a história vai fluindo, os enigmas se revelando, as tramas se descobrindo, trazendo uma alegria e satisfação que só a literatura pode proporcionar. É a fruição da arte em essência. Além das questões práticas como a melhora na fluência verbal, o aumento do vocabulário, melhora a escrita, a ortografia, a compreensão e a percepção do que acontece ao nosso redor e no mundo. Nossa capacidade de discernimento e perspicácia também é privilegiada. Para mim, o livro é uma excelente opção de lazer, cultura, diversão e entretenimento e uma ferramenta de socialização.

Posso afirmar que minha escolha profissional na área foi fruto de ter sido uma leitora assídua, dessa forma, optei por estudar Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) no município de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul e me formei no ano de 2005. Atuei em bibliotecas escolares, durante o curso, como estagiária, em que vivenciei a teoria com a prática auxiliando os estudantes em suas pesquisas, contribuindo com seu aprendizado e principalmente incentivando-os a gostarem de ler. A Literatura sempre fez parte da minha vida, do meu cotidiano, pois ela

abre portas de mundos novos, possibilidades de viajar por mundos inimagináveis sem que eu saia fisicamente do lugar, me faz sonhar e viver outras vidas com as personagens das histórias.

Depois de concluir o curso, continuei estudando, fiz concursos para atuar na área e fui nomeada em 2007 para exercer a função de bibliotecária no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) no município de Florianópolis, Santa Catarina, autarquia federal do Ministério de Minas e Energia que possui biblioteca especializada em Geociências, e para complementar os conhecimentos e entender um pouco mais dessa área, resolvi fazer o curso de Geografia em que ingressei no ano de 2009 na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dessa forma, o interesse pelo tema proposto nesta pesquisa se dá com o intuito de juntar duas áreas que gosto e por acreditar na interdisciplinaridade que é necessária e possível no planejamento e processo de ensino.

O livro de forma geral é um recurso imprescindível de acesso à leitura e que deveria estar acessível a todo cidadão no contexto familiar, escolar e profissional ao longo da vida, grande parte das pessoas somente tem acesso a eles por meio dos acervos disponibilizados pelas bibliotecas escolares.

Por considerar o universo literário um importante veículo na condução da formação integral de um sujeito, especialmente pelas possibilidades de ampliação do conhecimento e de entendimento do mundo que o cerca com mais criticidade. A Literatura tem o potencial de servir como ferramenta didática de acesso à informação, por isso a prática da leitura como uma habilidade a ser potencializada na criança, se faz necessária desde a infância. Além da instrução formal, a leitura de obras de literatura tem o potencial de proporcionar prazer e entretenimento ao leitor em qualquer idade.

Trabalhar a Literatura em conjunto com a Geografia propicia ao estudante uma visão da realidade e do cotidiano do lugar em que se vive de forma lúdica. Pensar o ensino de Geografia utilizando a literatura é um desafio perante um cenário de poucos leitores, em que grande parte da população brasileira não tem o hábito de ler e a leitura e obras literárias vem perdendo espaço na vida dos brasileiros sendo substituída por outras formas de lazer como jogos e redes sociais, na medida em que a população tem mais acesso às novas tecnologias e a internet. Numa pesquisa intitulada: “Retratos da

leitura no Brasil¹” em que a média de leitores em 2015, é de 56 % da população brasileira com 5 anos ou mais é considerada leitora de acordo com os critérios da pesquisa (ter lido ao menos um livro, inteiro ou em partes, nos três meses anteriores à pesquisa). É necessário um trabalho interdisciplinar que desperte o interesse da criança pelos livros. Cabe aos professores propor novas atividades e dinâmicas para mostrar que a leitura também tem seu valor, também é uma excelente ferramenta de lazer e diversão, é a base para o entendimento de todos os outros componentes curriculares, que sem a compreensão da leitura, o entendimento de todas as outras está comprometido.

Considerando as possíveis articulações entre Geografia e Literatura, dois questionamentos passaram a revelar na minha trajetória acadêmica e resultaram em questionamentos como: é possível identificar conceitos geográficos em livros de literatura infantil e juvenil? Há possibilidades de desenvolvimento de atividades pedagógicas na literatura infantil e juvenil para ensinar conteúdos do componente curricular Geografia?

Conforme fui evoluindo meus estudos no curso de Geografia, a problematização dessa temática foi se constituindo como uma possibilidade de pesquisa. Diante dos elementos suscitados e com a finalidade de organizar essa investigação, elaborei as seguintes perguntas de pesquisa:

É possível identificar conceitos de lugar e de paisagem em livros de literatura infantil e juvenil? Quais propostas didáticas o(a) professor(a) de Geografia pode desenvolver com essas obras?

Para tanto, definiu-se como objetivo geral: pesquisar os conceitos de Lugar e Paisagem nas obras de Literatura infantil e juvenil e construir propostas didáticas para o(a) professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para tanto, os objetivos específicos dessa pesquisa pautaram-se em:

- a) Desenvolver uma reflexão sobre a Geografia Escolar e suas categorias de análise;
- b) Pesquisar como os conceitos de lugar e paisagem se constituem em termos de conteúdos do componente curricular Geografia;

¹Pesquisa realizada pelo Instituto Pró – livro sob o título: Retratos da leitura no Brasil, 4. ed., 2016. Disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf.

c) Estudar os conceitos de Lugar e Paisagem nas obras de Literatura Infantil e Juvenil catarinense;

d) Propor possibilidades de trabalhos pedagógicos com essas categorias de análise geográfica para turmas iniciais do Ensino Fundamental.

Caracterizou-se esta pesquisa de natureza documental e bibliográfica. Para a realização da análise documental seguiu-se a orientação de Triviños (1987) adaptando a metodologia de Bardin (1977 apud Triviños, 1987, p. 161) a qual prevê três etapas no processo de análise de conteúdo: a) pré-análise; b) descrição analítica; c) interpretação referencial. Destaca-se que a análise documental “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagens de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38). Nessa linha de organização entende-se que ao definir-se por uma seleção e verificação dos livros didáticos de Geografia, bem como os de Literatura Infantil e Juvenil passou-se pela etapa supracitada de pré-análise. Por conseguinte pela descrição analítica de cada obra contemplada e por fim, realizando o estudo propriamente de cada livro, seus conteúdos e suas potencialidades de trabalho pedagógico passou-se pela etapa da interpretação referencial. Essa metodologia de pesquisa documental e bibliográfica dá propriedade para entendimento e aproximação dos objetivos almejados, pois são importantes fontes de pesquisa, justamente porque fornecem informações concretas e contribuem para fundamentar os dados no processo de estudo de um pesquisador e na construção da pesquisa.

A escolha por abordar os conceitos de lugar e paisagem como categorias de análise da Geografia foi motivada especialmente porque ambos os conceitos fazem parte dos elementos constitutivos do espaço geográfico habitado pela criança e fundamentam os objetos e os significados das primeiras experiências vividas por ela, já nos primeiros meses de vida – isso acontece pelas experiências exploratórias no que chamamos (na Geografia) de “espaço vivido” – desde cedo e mesmo antes de fazer sua incursão no ensino formal, essas experiências chegam à criança de diversas formas, como por exemplo quando um adulto mostra os objetos que configuram as paisagens (esses objetos podem ser: casas, prédios, carros, árvores – elementos naturais ou construídos pela ação do homem), ou também quando diz para ela o lugar que está ou que irão. São formas de experimentar, conhecer e (re) conhecer o lugar e a paisagem

que a cerca, que ajuda a constituir e a qual é parte integrante. Quando esta descoberta é formulada em reflexão a criança vai construindo o que chamamos de “evolução da noção de espaço” (ALMEIDA; PASSINI, 2008) vai descobrindo o lugar que nasceu, que vive e pertence.

A decisão de limitar a análise e a perspectiva de proposição desses estudos para turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental foi definida porque as obras de literatura infantil e juvenil selecionadas casam com os conteúdos e a linguagem para estudantes de até 10 anos. Acredita-se que a Literatura, por ser uma forma lúdica de aprendizagem pode ser explorada como uma estratégia a ser empregada no ensino dos conceitos geográficos, em especial de paisagem e lugar, optando-se por trabalhar estes conceitos conjuntamente, por ambos já serem tratados nos anos iniciais do Ensino Fundamental, além das potencialidades que as articulações entre eles suscitam, por estarem ambos atrelados aos espaços de vivência dos estudantes, fato que pode conferir maior significância aos mesmos. Optou-se por selecionar obras que abordassem a temática da ilha de Florianópolis porque pretende-se trabalhar com a rede municipal de Florianópolis juntamente com a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

A escolha por desenvolver esta pesquisa com os livros de literatura infantil e juvenil se deu por acreditar na potencialidade da interdisciplinaridade entre Geografia e Literatura, assim como em diversas outras áreas de conhecimento. E também por crer que a aprendizagem significativa de Geografia deve possibilitar aos estudantes o entendimento e a capacitação para o uso de diferentes linguagens, sendo a literatura uma destas. Os livros abarcam inúmeras possibilidades de promover por meio do lúdico, do imaginário e do concreto formas de se trabalhar pedagogicamente conceitos geográficos com os estudantes. Os livros selecionados por serem da década de 1980 possuem um estilo editorial que atualmente não é muito atrativo, por essa razão, optou-se por trabalhar com a contação de histórias como um recurso pedagógico para despertar o interesse dos estudantes com relação aos livros literários adotados.

A vivência postulada por Vigotsky (2003) permite a interação com a história contada aguçando os sentidos da percepção sensorial, sentimental e imaginativa, além de permitir o encontro de seres de linguagens e formação da subjetividade. Não é função das mais complexas observarmos as reações fascinantes de uma criança, e até mesmo de adultos, diante de uma contação de histórias, visto a valorização da palavra

humana e possibilidade de se proporcionar os afetos e trocas recíprocas estabelecidas em singulares relações.

Atualmente a contação de histórias coletadas da literatura publicada, é uma atividade desenvolvida com diversos objetivos, como por exemplo, propiciar ao ouvinte um momento de interação com a história que é compartilhada, imprimindo sentidos em suas vidas, servindo de meio interativo para a caracterização do seu espaço, fazendo com que este ouvinte possa fazer paralelismos com seu cotidiano ajudando-o na percepção de sua realidade, e como ele pode agir para intervir ativamente no meio em que está inserido.

Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor. Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem [...] (COELHO, 2003, p. 29).

Apesar da modernidade e dos diferentes meios de comunicação, mídias sociais, jogos eletrônicos, informação de massa e das interatividades propiciadas pelas novas tecnologias, as histórias narradas têm a potencialidade de despertar algo intrínseco ao ser humano, e até mesmo voltar a despertar um olhar mais interessado para livros editados há anos, e que por vezes podem possuir um formato editorial não tão atraente para as atuais gerações. É neste sentido que Moraes (2006, p. 8) compreende

[...] como necessário o resgate dos contos tradicionais e da figura do narrador a partir da abordagem de aspectos histórico-sociais que nos possibilitem compreender o quanto esses recentes avanços tecnológicos na nossa sociedade ocidental [...] têm nos afastado da prática de narrar e da valorização das tradições como fonte viva e renovada da sabedoria coletiva.

Muitos autores preconizam que as narrativas da tradição oral na escola visando à formação dos estudantes, permitem o desenvolvimento de leitores para o desenvolvimento da oralidade, assim como o debate de temas relacionados à pluralidade ética e cultural, à análise da história cultural das populações que contaram essas histórias, desenvolvimento da competência narrativa, dentre outros. Assim a utilidade pedagógica das narrativas parece, segundo Batista (2007), inesgotável. E não só essa utilidade, mas também a estimulação a um exercício de socialização, desenvolvimento de aptidões de expressão desenvolve em grupo e domínio de espaço (BUSATTO, 2010).

Quanto à pesquisa de estado da arte (o primeiro passo do caminho metodológico percorrido nessa pesquisa) consistiu em realizar buscas no catálogo da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD)² do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)³ todos com disponibilidade online, ou seja via web. Os aspectos considerados para a análise das dissertações e das teses foram: tema, título, questão central da pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, e o resumo. Para tanto, foram definidas as seguintes palavras-chave: Geografia e Literatura infantil e juvenil; Geografia e Literatura infantil; Geografia e literatura.

Diante disso, convidamos a você leitor(a) adentrar nesta leitura. Ao percorrer as páginas encontrará no exercício da leitura este trabalho organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo dissertou-se sobre a Geografia escolar e suas categorias, esclareceu-se o conceito de lugar e paisagem e também a importância da temática para a sociedade no contexto escolar, sob o título: **“CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA”**.

Já o segundo capítulo está intitulado: **“A GEOGRAFIA NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CATARINENSE”** traz um panorama sobre leitura, literatura no geral e literatura infantil especialmente no estado de Santa Catarina bem como também os apontamentos sobre as formas de abordagens das categorias de análise Lugar e Paisagem nas obras analisadas.

Apresenta-se no terceiro capítulo uma discussão referente à **“ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS IDENTIFICADOS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL”** em que se mostram os conceitos encontrados nos livros de literatura infantil e juvenil catarinense e também algumas proposições sobre possibilidades de trabalhos pedagógicos com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

²Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>

³Disponível em: <http://ibict.br/>.

2 CATEGORIAS DE ANÁLISE DA GEOGRAFIA

A Geografia escolar na contemporaneidade é vista como um instrumento para a compreensão da interação entre diferentes sociedades e a natureza na construção do seu espaço. Convém a ela também, a função de ensinar acerca das singularidades do lugar em que se vive, e o que o diferencia e o aproxima dos demais, para que assim os estudantes possam adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e da identidade para com o local e compreender como se manifestam as articulações do passado no presente no espaço geográfico.

Cavalcanti (2006, p. 18) resgata que no Brasil “a história da Geografia como disciplina escolar tem início no século passado, quando foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos com base na ideologia patriótica”. Com o passar dos anos, a Geografia, mediante as conjunturas políticas e reformas curriculares, perde este ideal doutrinário patriótico e configura-se como um componente curricular escolar crítico com o foco no estudo do espaço e das formas de apropriação da natureza. De acordo com Pontuschka; Paganelli e Cacete (2007) a Geografia como componente curricular escolar contribui para que os estudantes e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica.

Desde a consolidação da Geografia enquanto ciência houve preocupações com a sistematização de seu objeto de estudo e de seus métodos. As inquietações acerca destas definições e os avanços e retrocessos epistemológicos da ciência geográfica podem ser observadas nas características que se apresentam no decorrer das sucessivas correntes epistemológicas. As correntes epistemológicas apresentam os paradigmas vigentes nos determinados tempos históricos aos quais estavam inseridas, os avanços científicos dos pesquisadores de cada época se manifestam em suas características particulares como objeto de pesquisa, categorias de análise refletindo principalmente em seus métodos. Estas distinções são decorrentes do desenvolvimento do pensamento geográfico em correntes epistemológicas em diferentes espacialidades e refletem as características do pensamento científico hegemônico de cada período.

A ciência geográfica articula cinco conceitos fundamentais que também são chamadas de categorias de análise, sendo estes o espaço, a paisagem, a região, o

território e o lugar que embasam as discussões para a compreensão de como as ações humanas (sociais) modelam a natureza e se articulam espacialmente. Segundo Cavalcanti (2010) a ciência geográfica se dedica a compreender a espacialidade dos fenômenos, elegendo como categoria principal de análise o espaço geográfico, produto histórico e social, que é reestruturado diariamente, porque está inserido na dinâmica social além de outras elementares como lugar, território e paisagem.

O estudo do espaço geográfico na Geografia se dá em distintas escalas (local, regional, nacional, global) que segundo Santos (2014) é composto de materialidade (natural e construída) e de relações sociais, econômicas, culturais e políticas. Cavalcanti (2010, p. 03) ratifica quando diz que “a Geografia contempla a diversidade da experiência dos homens na produção do espaço, as questões espaciais estão sempre presentes no cotidiano de todos eles, sejam as de dimensões globais ou locais”.

Cavalcanti (2008) destaca que na Geografia da atualidade, a paisagem tem sido tomada como um primeiro foco de análise, como ponto de partida para aproximação de seu objeto de estudo que é o espaço geográfico. Na formação do raciocínio geográfico, o conceito de paisagem aparece no entendimento de Cavalcanti (2008) como o primeiro nível de análise do lugar, estando estreitamente ligado a este conceito. É pela paisagem, vista em seus determinantes e em suas dimensões, que se vivencia empiricamente um primeiro nível de identificação com o lugar. Cavalcanti (2008, p. 103) aduz que “região é um instrumento de divisão do espaço segundo determinados critérios definidos a priori, cada critério ou conjunto de critérios seria uma regionalização ou divisão do espaço”. Gomes (1995) acrescenta a este conceito trazendo que a região é a localização e extensão de um fato ou fenômeno, conjunto ou área em que há o domínio de determinadas características que distingue a área das demais. É possível então compreender a região na atualidade como uma área formada por articulações particulares no quadro de uma sociedade globalizada. Essa região é definida a partir de recortes múltiplos, complexos e mutáveis, mas destacando-se, nestes recortes, elementos fundamentais, como a relação de pertencimento e identidade entre os homens e o território, jogo político no estabelecimento de regiões autônomas ante um poder central, a questão do controle e gestão do território.

Souza (1995) salienta que o território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder. Sendo que este poder é diferente da violência, esse poder é uma pessoa investida de poder. Cavalcanti (2008) assegura que o território deve ser

entendido como produção dos homens ou dos atores sociais nas relações de poder tecidas em sua existência; e poder, como uma força dirigida, orientada e canalizada por um saber enraizado no trabalho e definido por duas dimensões: a informação e a energia.

O conceito de lugar ganha relativa importância com a Geografia humanística e cultural segundo Claval (2014) o lugar passa a ser entendido como espaço vivido. Santos (2014, p. 314) ressalta que “os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o indivíduo”. Cavalcanti (2008, p. 93) enfatiza a distinção entre espaço e lugar

distinguir espaço e lugar destaca explicitamente esse aspecto. O espaço qualquer porção da superfície terrestre, é amplo, desconhecido, temido ou rejeitado. O lugar, recortado afetivamente, emerge da experiência e é um mundo ordenado e com significado.

A Geografia humanística busca a compreensão do mundo humano por meio do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do lugar e do espaço (TUAN, 1982).

Pensar o ensino nas distintas escalas de análise aproxima a Geografia da realidade dos estudantes, faz com que o estudante entenda a Geografia do cotidiano e como ele está inserido nesta Geografia. Esta perspectiva auxilia a responder a velha questão: Para que serve a Geografia no rol dos componentes curriculares? É tarefa da Geografia, na qualidade de componente curricular escolar oportunizar caminhos aos estudantes construírem sua análise. O conhecimento geográfico deve dar conta de conceitos como espaço, sociedade, região, lugar, território, rede, comunicação do mesmo jeito que assimilar a importância das novas linguagens e da aproximação necessária com outras ciências, como a cartografia, a economia, a ecologia, inseridas em suas historicidades.

Para Castrogiovanni, Tonini e Kaercher (2013) o professor precisa estar atento aos movimentos que o mundo globalizado executa e a complexa rede que se (re)ordena frequentemente. Bueno (2011, p. 301) diz que “o lugar é uma possibilidade privilegiada de entendimento da complexidade do mundo atual”. E complementa explicando que a dinâmica do lugar é permanentemente construída nas relações entre agentes sociais que atuam em várias escalas: do lugar, local, regional, nacional e planetária.

Ensinar Geografia não é ensinar um conjunto de conteúdos e temas, todavia, é ensinar um modo específico de pensar, de perceber a realidade, um modo de pensar geográfico, um olhar e um raciocínio geográfico. Esse modo de pensar tem sido estruturado historicamente por um conjunto de categorias, conceitos e teorias sobre o espaço e a relação da sociedade com o espaço. Portanto, para Cavalcanti (2010) ensinar Geografia é ensinar, por meio de temas e conteúdos, um modo de pensar geograficamente/espacialmente o mundo, o que requer desenvolver, ao longo dos anos do ensino fundamental um pensamento conceitual.

Cavalcanti (2010) complementa quando diz que o professor deve apreender os significados que os estudantes dão aos conceitos científicos trabalhados particularmente o lugar onde vivem e suas representações sobre os diferentes lugares do mundo. E continua para formar um pensamento espacial, é necessário que eles formem conceitos geográficos abrangentes, que são ferramentas essenciais para entender os diversos espaços, para localizar e analisar os significados dos lugares e sua relação com a vida cotidiana.

O que predomina para o ensino de Geografia, no ensino fundamental, é a formação do pensamento espacial nos discentes. Ela é um facilitador de transformação da realidade e de construção de sua cidadania. Para tanto autoras como Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 39) assinalam que

na formação de professores e alunos é essencial o domínio da leitura do espaço por meio de observação espontânea e dirigida. Nas realidades locais do bairro ou das cidades. Tais procedimentos constituem pontos de partida e chegada, nos quais se constroem os parâmetros reais para compreensão de espaços locais e de regiões bem mais distantes.

É papel do professor, orientar, direcionar e intervir nos objetivos dos estudantes, realizando a mediação didática (LIBANEO, 2009) incumbindo a ele além de selecionar e organizar os temas a serem trabalhados, apresentar, com clareza, a importância desses temas.

Num contexto mundial e especialmente no Brasil, a atual política denominada Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tratada nas normativas, nas referências oficiais de conteúdos escolares dirige a questão da formação continuada do professor e de sua prática baseado na concepção de profissional reflexivo que saiba articular os

conteúdos curriculares com as competências e habilidades para cada um dos ciclos educacionais propostos no documento. Essa mesma política exige também competências do professor em termos de eficiência, de resultados traduzidos em indicadores das avaliações, a partir de parâmetros/padrões nacionalmente definidos pelo Estado. E os maus resultados são regularmente concedidos à precariedade do trabalho do professor (CAVALCANTI, 2010). Embora haja todo um discurso por trás das normativas para o ensino de Geografia, para a formação inicial e continuada de professores, sabe-se que nem sempre estas normativas se materializam no espaço escolar. O trabalho do professor em sala de aula deve ser valorizado, por vezes este é árduo e solitário. O professor se desdobra para fazer todos os planejamentos, entre as cobranças por resultados, as muitas horas de aula, por vezes a atuação em diferentes escolas e também precisa competir com todos os estímulos externos a sala de aula. Cavalcanti (2010) destaca que os professores estão preocupados em encontrar alternativas que agucem o interesse coletivo dos estudantes, relacionando os temas da espacialidade local e global dos temas da espacialidade vivida no dia a dia.

A normatização da Geografia escolar traz um rol de objetivos para o processo de ensino aprendizagem da mesma. A BNCC está organizada com base nos principais conceitos da Geografia diferenciados por níveis de complexidade. Sendo o espaço o conceito mais amplo e complexo da Geografia, é necessário que os alunos dominem outros conceitos mais operacionais e que expressam aspectos diferentes do espaço geográfico: território, lugar, região, natureza e paisagem (BRASIL, 2017).

Ao dominar os conceitos geográficos, mobilizando o pensamento espacial e aplicando procedimentos de pesquisa e análise das informações geográficas, os alunos podem reconhecer:

- a) a desigualdade dos usos dos recursos naturais pela população mundial;
- b) o impacto da distribuição territorial em disputas geopolíticas;
- c) a desigualdade socioeconômica da população mundial em diferentes contextos;
- d) o reconhecimento da diversidade étnico-racial e das diferenças dos grupos sociais, com base em princípios éticos (BRASIL, 2017, p. 361).

Refletindo sobre a finalidade do ensino de Geografia, levando em consideração a legislação brasileira e as concepções dos pesquisadores do ensino, convém destacar que esta visa contribuir para a emancipação do estudante, por meio do estímulo para adquirir o conhecimento acerca do ambiente em que vive. Desta forma deve ser almejada a aprendizagem significativa em detrimento à memorização e esquematização, como

ocorre no ensino tradicional de Geografia o qual se tenta com afincos romper desde meados da década de 1950 e no Brasil a partir da década de 1970. Uma questão importante para este componente curricular é o fortalecimento da identidade do estudante e do sentimento de pertencimento à esfera local, destacando o papel do sujeito na sociedade enquanto agente modificador e construtor do espaço geográfico. Acredita-se que este ideal só pode ser alcançado por meio de uma modificação nas práticas de ensino e também por meio de um olhar sensibilizado para os conceitos que estão mais próximos aos estudantes de forma que estes possam identificar-se como agentes no processo de construção do espaço geográfico.

2.1 Os estudos dos conceitos: lugar e paisagem

O processo de ensino-aprendizagem viabiliza o diálogo entre o conteúdo curricular e as vivências, história e individualidade tanto do professor quanto do estudante. Para Kubo e Botomé (2001, p. 1) o processo ensino-aprendizagem é:

um complexo sistema de interações comportamentais entre professores e estudantes. Mais do que “ensino” e “aprendizagem”, como se fossem processos independentes da ação humana, há os processos comportamentais que recebem o nome de “ensinar” e de “aprender”. Processos constituídos por comportamentos complexos e difíceis de perceber. Principalmente por serem constituídos por múltiplos componentes em interação. A interdependência dos dois conceitos é fundamental para entender o que acontece sob esses nomes. Sua percepção e entendimento constitui algo crucial para o desenvolvimento de qualquer trabalho de aprendizagem, de educação ou de ensino.

O processo de ensino-aprendizagem dos conceitos geográficos configura-se como um desafio por parte dos professores de Geografia. Sendo a ciência geográfica um campo de profundas discussões teóricas e epistemológicas a transposição didática das informações conceituais que dão forma ao componente curricular é uma das dificuldades encontradas pelos docentes.

A flexibilidade dos currículos escolares e das estratégias de ensino são pontos positivos que devem ser considerados pelo professor. Embora haja esta flexibilidade de currículos de modo geral, nos últimos anos o conceito de lugar tem sido empregado como ponto de partida para o ensino dos demais conceitos em Geografia (CALLAI, 2011). Considerar o lugar como ponto de partida para os demais conteúdos escolares

remete a influência da Geografia cultural e humanística observada nos últimos anos nas concepções teóricas e nos currículos. Callai (2011, p. 11) afirma que “um dos conceitos mais importantes de se trabalhar em Geografia é o lugar”. Cavalcanti (2006) valida quando diz que o lugar seria o primeiro conceito para iniciar a formação do raciocínio geográfico. E continua quando afirma que na concepção histórico-dialética o lugar pode ser considerado no contexto do processo de globalização.

A globalização indica uma tensão contraditória entre a homogeneização das várias esferas da vida social e a fragmentação, diferenciação. Por ser assim, a compreensão da globalização requer a análise das particularidades dos lugares, que permanecem, mas não podem ser entendidas nelas mesmas. Cavalcanti (2006) afirma que para compor o conceito de lugar aparecem alguns elementos como: lugar é o familiar, é o que se define pela identidade com a experiência individual: os lugares sugerem tipos e atividades e comportamentos, regras e funções sociais e comportamentais, os lugares também estão ligados a outros lugares. Carlos (1996) elucida que o lugar é base da reprodução da vida que é analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (...) o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – pelo corpo, pelos sentidos, pelos passos dos seus moradores – é o bairro, é a praça, é a rua.

O lugar é onde se desenrolam as relações dos sujeitos e suas vivências em que cada pessoa busca as referências pessoais e constrói os seus sistemas de valores que alicerçam a vida em sociedade. Portanto, o conceito de lugar está relacionado à dimensão cultural e fortemente relacionado à identidade e ao cotidiano. Com isso o conceito passa a ter forte grau de subjetividade, reconhecendo seu conceito antagônico de não-lugar, como espaço criado e sem identidade, como um shopping, um resort ou um aeroporto. Callai (2003) reitera que o lugar em que se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir significa conseguir reproduzir-se a si próprio, como sujeito. Local é uma escala geográfica de limite, mais ou menos definido, está relacionado à questão de proximidade geográfica. Carlos (1996) fomenta o lugar com o global que é no lugar que se manifestam os desequilíbrios, as situações de conflito e as tendências da sociedade que se volta ao mundial. O lugar, no contexto da

globalização, pode dar-se na escala local, mas também nas escalas regionais, nacionais e globais (SANTOS, 2014). Carlos (2007, p. 22) define o lugar como:

Produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

Cada sujeito tem sua própria relação com o mundo em que vive e, conseqüentemente, tem uma visão muito particular dos lugares e espaços (BUENO, 2011). A partir das práticas cotidianas é possível para o estudante perceber e compreender as relações produzidas na sociedade. Massey (2012, p. 2) ratifica “um lugar não é uma coisa fechada, com uma identidade essencial, é uma relação específica de relações globais, e é esta articulação de relações mais amplas que apresenta a sua particularidade”.

Sobre o processo de ensino-aprendizagem partindo da escala local, Régis (2016) pondera que o estudante apodera-se do conhecimento de que ele, juntamente com os professores e familiares, entre outros, são agentes que contribuem para a transformação do espaço geográfico por meio das relações sociais. Sendo assim, ao compreender seu papel na configuração atual do espaço geográfico os estudantes podem criar noções da importância da preservação do meio ambiente e principalmente compreender que os fatos que ocorrem em seu meio próximo contribuem para fenômenos em outras escalas, vistos no espaço global, assim como podem identificar a influência de acontecimentos de escala global no local de vivência. Régis (2016) aponta que a possibilidade de fazer com que a Geografia torne acessível aos estudantes, se dá pelo estudo do lugar e da apropriação do conhecimento da realidade em que vivem. Ainda segundo a autora, embora se parta da escala local, o objetivo de se estudar o lugar é fazer com que o conhecimento geográfico seja apreendido e empregado para que todos possam localizar-se no espaço em que vivem e entendê-lo como resultado da ação dos homens num tempo e nas circunstâncias em que se vive. Tuan (2013) compara espaço e lugar. Enquanto espaço é liberdade, conceito abstrato, lugar é segurança, valor concreto “é a pausa no movimento que torna possível que a localização se transforme em lugar” (TUAN, 2013, p. 14).

Ao estudar o lugar é impossível não fazer associações com outro conceito amplamente difundido na Geografia, o conceito de paisagem. Este talvez seja o conceito mais antigo da Geografia como discorrem autores da epistemologia da Geografia. Corrêa (2011) ressalta que na Geografia Clássica ou Tradicional o conceito de Paisagem é privilegiado, com destaque para a Paisagem Cultural e a Paisagem na diferenciação das áreas. Desta vertente epistemológica que marcou o início da Geografia enquanto Ciência destaca-se a utilização da observação e a descrição da Paisagem como método empírico de análise. Callai (2003, p. 3) destaca que “ao fazer a leitura da paisagem é uma possibilidade para que seja lida a realidade, percebendo a história, o movimento, a mobilidade territorial, a seletividade espacial que é resultado do social”.

Na perspectiva da Geografia crítica, Santos (2014, p. 103) argumenta que “paisagem e espaço não são sinônimos”. E continua afirmando que “paisagem é o conjunto de forma que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Já o espaço são estas formas mais a vida que as anima. A paisagem é entendida, nesta vertente como “um modo de ver”, associado às transformações econômicas, sociais, políticas, técnicas e artísticas (CORRÊA, 2011). Embora a paisagem esteja presente em todas as correntes epistemológicas, com maior ou menor destaque, a Geografia Humanista e Cultural apresenta-se como vertente que mais destaca o conceito de Paisagem, este vem associado ao aspecto sensitivo, trazendo a perspectiva de aproximação do conceito à experiência humana. Cavalcanti (2006) afirma que na Geografia este conceito tem sido tradicionalmente destacado pelo fato dessa ciência procurar definir seu campo de estudo nos aspectos e fenômenos que ocorrem para modelar, organizar e modificar materialmente o espaço.

A leitura da paisagem nunca é neutra ela traz os referenciais de quem a lê. Desta maneira, a leitura da paisagem, em especial dos seus elementos estáticos e dinâmicos, torna-se um meio fundamental apto a expressar uma série de informações na busca pelo entendimento dos fenômenos criados pela natureza e aqueles causados pelo Homem.

Para Milton Santos “paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza”. Ou ainda, “[...] a paisagem se dá como um conjunto de objetos reais concretos (SANTOS, 1997). A paisagem é a soma de tudo que existe num determinado lugar, tudo o que se pode observar, todas as interações sociais e culturais

daquele espaço, em conjunto com a natureza. Puntel (2007, p. 285) considera “a paisagem como um instrumento essencial de leitura e de aprendizagem no ensino da Geografia”. E acredita que

seja importante desenvolver, nas crianças e nos adolescentes, a capacidade de compreensão das diferentes paisagens, reconhecendo seus elementos, sua história, suas práticas sociais, culturais e suas dinâmicas naturais, assim como a interação existente entre eles (PUNTEL, 2007, p. 285, 286).

Os estudantes são capazes de fazer uma correlação entre a teoria e a prática, quando se está inserido no ambiente, quando o cotidiano é vivido, experienciado, pois, “ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza” (PUNTEL, 2007, p. 286). Dessa forma, afirma o mesmo autor: “estudar a Geografia, levando em consideração a paisagem, passa a ser de extrema importância, pois, por meio dela, é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo”.

Ao ser estimulado, por meio da observação dos lugares que vivencia como o bairro em que mora, a escola, as ruas que passa, o estudante adquire habilidades de leitura e escrita criando base para refletir e questionar sobre o que se enxerga. Desencadeando, assim, “uma capacidade de ver o mundo pela paisagem, o que propicia, ao longo da formação, um modo de buscar desvendar processos que explicam a paisagem vista, vivida, sentida” (CAVALCANTI, 2010, p. 8). Puntel (2007, p. 286) constata quando diz que “assim, é importante que desde cedo os educandos aprendam a ler o mundo, a entender a complexidade da realidade”. E completa:

isso pode iniciar quando a criança reconhece o lugar, conseguindo identificar as diferentes paisagens e entendendo que elas são naturais, humanas, históricas e sociais. Elas existem e se justificam pelo trabalho da sociedade, fruto de um determinado momento do desenvolvimento das forças produtivas e aparecem aos nossos olhos de muitas formas, cores, odores, sons, sendo construídas nas relações sociais, conectadas às dinâmicas da natureza (PUNTEL, 2007, p. 286).

Puntel (2007) assegura que o conceito de paisagem, se bem conduzido, colabora para uma reflexão e para um entendimento da complexidade da relação entre a sociedade e a natureza, objeto central de estudo da Geografia. E segue discorrendo que é necessário fazer uma conexão entre a prática vivida, ou seja, as definições preestabelecidas pelos estudantes, com os conceitos de concepção científica, neste caso

especialmente da paisagem, pois é por meio dessa confrontação que vai ocorrer a reformulação de seus significados e sentidos, para, a partir disso, ocorrer uma reorganização e produção de uma nova experiência, possibilitando uma reelaboração e uma maior compreensão do espaço vivido.

Sobre as relações entre a paisagem e o lugar, Callai (2000, p. 97) considera que “o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos”. Percebe-se então, que a partir da paisagem é possível compreender em parte a realidade num determinado momento, pois a paisagem está em constante mutação. Neste sentido Cavalcanti (2006) afirma que construção do conceito de paisagem no ensino de Geografia é importante por ter uma relação muito próxima com o lugar. É um conceito chave no sentido de começar uma reflexão sobre as variáveis que determinam cada lugar. Sabe-se que é a partir do lugar que se começa a ter um entendimento maior do espaço geográfico.

Puntel (2007) chama a atenção quando compara a definição de paisagem com o entendimento que a maioria dos professores possui, percebe-se um distanciamento muito grande, já que a maioria entende a paisagem de forma fragmentada como se os elementos existissem isolados, ao invés de uma visão sistêmica e unitária, em que todos os elementos encontram-se em sintonia. Diz a autora ainda que parece que está faltando conhecimento para o professor, a fim de mediar o conhecimento prévio do aluno, as suas vivências e suas experiências que precisam ser articuladas com os saberes científicos para, dessa forma, acontecer uma reflexão no ensino da Geografia no cotidiano escolar.

Partindo de escalas próximas aos estudantes retrata-se sobre a seguinte questão: como estudar os lugares sem se apropriar dos espaços, sem visitar os fenômenos que se materializam nos lugares próximos, como explicar que o ensino se paute muitas vezes apenas nas paisagens dos livros didáticos tão distantes da realidade dos estudantes, se as relações descritas nos manuais estão ocorrendo em tempo real, em espaços próximos, expostas na mídia e na Web/Internet?

Ao escolher o lugar e a paisagem como pontos de partida para o que se quer ensinar em Geografia, surge a possibilidade de vivenciar a Geografia, de apreender os conceitos de forma significativa, de poder trazer estes conceitos para o espaço de vivência do professor e dos estudantes.

3 A GEOGRAFIA NAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL CATARINENSE

Ler é sempre uma atividade cujos resultados são imprevisíveis, pois o leitor interage de diversos modos em que cada um faz sua interpretação e participa colocando-se no lugar de algum personagem marcante quando se trata de leitura literária. A leitura e a escrita também são ferramentas essenciais na vida do homem, mesmo que vivamos em uma sociedade marcada pela mídia e outros meios de comunicação. As letras e sua aprendizagem possibilitam a ampliação do conhecimento de mundo e acesso às diferentes formas de comunicação necessárias na vida em sociedade, o uso do computador, por exemplo, exige o domínio da leitura e da escrita.

Na infância é que se adquire o gosto pela leitura. A criança com sua imaginação inerente é acessível a inúmeras descobertas. Tudo é novo para ela e com a curiosidade da sua essência ela descobre diferentes mundos. Caldin (2010) reforça apontando que a função social da leitura é também facilitar ao homem – e assim, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela literatura em que os primeiros passos são dados na infância.

A prática da leitura e a produção da escrita, no âmbito escolar, são iniciadas nos anos do ensino fundamental sendo essencial que o professor desperte o interesse da criança de forma lúdica, para que desde cedo se desenvolva e incentive o gosto pela literatura, pois, o trabalho da leitura nas séries da educação infantil é extremamente importante no desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional da criança (MÉLO; MACHADO, 2007). O papel da família também é essencial neste processo, pois o incentivo e o gosto pela leitura deveriam estar intrínsecos nos valores familiares e educacionais.

A literatura atrai a criança por meio da curiosidade, pelo formato, manuseio e pelas possibilidades emotivas que o livro pode ter. A magia encontrada escondida nas páginas dos livros pode estimular, no pequeno leitor, a descoberta e o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo a capacidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, facilitando o processo de alfabetização. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais frequente for o contato da criança com o livro.

Dessa forma, o primeiro contato com o mundo da leitura potencialmente acontecerá no núcleo familiar, ainda nos primeiros meses de vida do bebê. É de grande importância para o desenvolvimento de seu aprendizado que a criança cresça emergido num cotidiano de leitura. Este incentivo à literatura constituirá numa rotina permeada de contação de histórias e de construção de um imaginário por parte do ouvinte – neste caso, a criança - que é rico em detalhes, formas, funções. Dando margem a elaborações de noções de orientação espacial, de lugar, de identidade, dentre tantos outros elementos constitutivos do espaço vivido pela criança e do espaço imaginado/criado por ela, por suas conjecturas.

A literatura proporciona além da instrução formal, prazer e entretenimento ao leitor em qualquer idade. A literatura engloba de crônicas do cotidiano até a poesia mais diáfana, passando por obras cuja construção textual vai além da simples função informativa; a literatura transfere adequadamente o que procura transmitir; o raso ou o profundo dependem do leitor (RIBEIRO, 2010). É por meio da literatura que a criança desenvolve seu senso crítico, compreendendo seu papel de cidadão na sociedade e por prazer sai do real para o fantasioso, onde acontece a chamada *catarse* que Caldin (2009) discorre como:

[...] moderação seja de humores corporais ao gosto dos gregos; seja das emoções e paixões ao gosto da psicanálise; seja do prazer proporcionado pela expressão artística, tanto ao gosto da estética; seja do estranho à essência do ser, tanto ao gosto da filosofia. O fundamental é que pela *catarse*, chegue-se ao equilíbrio, à harmonia [...] a mesma autora acrescenta que: o texto literário para crianças tem a validade de contribuir para a formação integral do ser humano (função pedagógica), assumir um compromisso com a sociedade (função social) e favorecer a moderação das emoções (função terapêutica) – não deixando de satisfazer, contudo, as necessidades estéticas do indivíduo (CALDIN, 2009, p. 61).

E diz ainda que “quando se fala em funções da literatura infantil, não significa obliterar o caráter lúdico e estético, pois a informação literária é, antes de tudo, arte. Mas a arte pode ser doce e útil” (CALDIN, 2010, p. 61). A literatura é antes de tudo, diversão, não deve ser vista somente como obrigação escolar. Deve-se incentivar desde cedo, a criança a ter o contato com os livros, sentir as diferentes formas e texturas, ver o colorido das ilustrações, para ela descobrir esse mundo mágico que a literatura proporciona.

Dessa forma Gusmão-Garcia; Silva (2009, p. 14) afirmam que “a leitura consiste num processo de enriquecimento mútuo, exige espaço e tempo para que os leitores

expressem os significados a que chegaram durante a interação com o texto”. Para o adulto que lê para a criança, também é uma experiência enriquecedora, pois, ele se envolve com as personagens, com a história e acaba descobrindo mundos que nem se quer imaginava, despertando sentimentos até então adormecidos.

Difícilmente, uma mesma leitura contentará os interesses de todas as crianças, pois cada uma traz consigo suas vivências, carga emocional e ambiente em que vive. Nesse sentido Abramovich (1997, p. 17) de forma poética explica que:

ler histórias para crianças, sempre, sempre. É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas).

Ler e se envolver com a história é algo tão único e exclusivo para cada leitor sendo uma experiência especial, pois cada um também é único e exclusivo e carrega suas vivências. Para Basso (2001, p. 2) “a conquista do pequeno leitor se dá por meio da relação prazerosa com o livro infantil, onde sonho, fantasia e imaginação se misturam numa realidade única”, e o conduzem a experimentar as emoções em parceria com os personagens da história, introduzindo assim situações da realidade. Dessa forma, é possível despertar o interesse cognitivo do estudante. Cavalcanti (2010) confirma que o professor investindo no processo de reflexão sobre a contribuição da Geografia na vida cotidiana, sem perder de vista sua importância para uma análise crítica da realidade social e natural mais ampla.

A literatura infantil, como seu adjetivo determina, é a literatura destinada à criança, que tem como objetivo principal oferecendo-lhe, por meio do fictício e da fantasia, padrões para interpretar o mundo e desenvolver seus próprios conceitos (CADEMARTORI, 1986). A Literatura Infantil, mesmo sendo indispensável para a vida da criança, é relativamente nova, iniciou-se em meados do século XVIII, pois antes disto não se escrevia para crianças, pois não existia infância, a criança participava da

vida social do adulto e também de sua literatura. Nesta época a criança era vista como um adulto em miniatura e não existia nenhuma preocupação específica com sua aprendizagem ou desenvolvimento, mas a partir do fortalecimento da burguesia essas concepções começam a se transformar e a se redefinir, inicia-se daí a consciência de que a criança passa a ser considerada socialmente como um ser diferente do adulto, com necessidades próprias e características pessoais (LEITE, 2017). Cademartori (1986, p. 38-39) relata que “a criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”.

Para a criança catarinense, também não foi diferente, os primeiros textos destinados eram igualmente direcionados ao adulto sendo isentos de espontaneidade com forte tendência informativa e formativa, não fugindo do sistema austero que eram submetidas essas crianças em casa e na escola (SILVA, 2008). A criança era marginalizada, sem identidade pessoal e nenhuma escolaridade. Silva (2008) afirma que o adulto a vê como objeto de estorvo, como seres subordinados à hegemonia dos mais velhos, e a absoluta impotência, por isso, “a literatura catarinense das primeiras décadas do século XX é pontilhada por contos endereçados a adultos, em que a criança interage numa singela participação” (SILVA, 2008, p. 55). Ainda para o mesmo autor a escola era a salvação para minimizar a marginalidade da criança porque para ela tudo é simples e seus valores são outros que não os da dura realidade, a qual ela supera por meio do mundo mágico.

Estudos fazendo referências entre Literatura Infantil - Juvenil e Ensino de Geografia ainda estão por ganhar mais ênfase, dado poucos ensaios e registros encontrados no Estado da arte desta pesquisa. Uma triste constatação acerca da disponibilidade de livros nas famílias brasileiras é feita por Callai (2016) a autora destaca que muitas vezes o livro didático é o único livro que as crianças, estudantes de escola pública e suas famílias possuem em suas residências desta forma torna-se um importante instrumento para se acessar aos conhecimentos. Paralelo à discussão sobre a utilização dos livros didáticos no ensino de Geografia que tem sua importância e crítica amplamente defendidas por pesquisadores como Callai (2016), Tonini (2013) e Costella (2016). Apesar da importância do livro didático, ele não deve ser o único instrumento de ensino-aprendizagem, pois se distancia da realidade do estudante.

De acordo com Guimarães (2007) o ensino da Geografia deve ser trabalhado, por meio da utilização de diferentes linguagens que favoreçam aos estudantes produzir e expressar ideias, sentimentos, opiniões e conhecimentos do mundo. Para Colferai e Gomes (s/d) é fundamental que o professor busque renovações pedagógicas, métodos e técnicas para que se desenvolvam pesquisas sobre aspectos sociais, culturais e naturais que compõem a paisagem e o espaço geográfico, dando conta de explicar as transformações de determinado espaço. Para esse fim, há várias linguagens a disposição do professor, sendo a literatura uma delas.

É possível explorar o espaço geográfico construindo propostas didáticas, variar e trabalhar em conjunto com outros componentes curriculares, como a arte e a literatura, para proporcionar ludicidade e aproximação com a realidade.

Conforme Saltoris e Cardoso (2016, p. 05) atestam “a Geografia uma ciência que analisa e reflete sobre o espaço estando intrinsecamente ligada a outras ciências que também objetivam a análise do espaço”. Araldi (2000, p. 75) salienta que “a importância de construir um ensino interdisciplinar reside na integração do ensino à realidade, formando alunos capazes de compreender a sociedade da qual fazem parte como sujeitos”. É por este processo interdisciplinar que o sujeito cria percepções sobre os lugares e paisagens que está inserido, formando laços e opiniões sobre o espaço analisado. Portanto, para Saltoris e Cardoso (2016) cada sujeito, a partir do lugar vivido, das experiências e dos grupos sociais, cria símbolos e significados tornando-se um agente ativo na construção do espaço geográfico e também na sua própria formação e construção do seu conhecimento.

Dessa forma, a Literatura, por relatar os mais diversos aspectos da vida do homem, torna-se uma importante aliada ao ensino da Geografia por também ser um caminho para a compreensão da relação que o homem obtém com o espaço, mas precisa estar integrada com este componente curricular (SALTORIS; CARDOSO, 2016). As obras literárias são capazes de construir e compreender espaços, conduzindo o leitor a uma realidade distante por meio de narrativas que fazem com que o estudante vivencie determinados espaços a partir do olhar dos personagens e autores.

Saltoris e Cardoso (2016) sustentam que a Literatura possibilita que o leitor reconheça sua própria realidade, identificando-se com o personagem por meio de várias vertentes da vida humana, tanto social, cultural e econômica, quanto natural. E asseguram ainda que é por meio da aproximação do leitor/personagem que a percepção

com o real está mais pujante sendo possível estudar os mais variados aspectos geográficos que o texto literário viabiliza. Isso decorre especialmente porque

as obras literárias, mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia inoficial. Na medida mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhes permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial, comprometida com as omissões, cortes e deformações que as relações de produção lhes impõem (KOTHE, 1976, p. 78).

A Literatura torna-se um importante objeto de pesquisa para o desenvolvimento e compreensão da ciência geográfica abrindo caminhos e propondo vários meios de usar a interdisciplinaridade como metodologia no ensino da Geografia (SALTORIS; CARDOSO, 2016). Nesse ínterim, o reconhecimento do leitor com o personagem beneficia a análise do meio em que vive a partir das categorias geográficas expostas em cada obra. Nessa perspectiva Salltoris e Cardoso (2016) esclarecem que cada lugar da cidade possui um significado específico para cada pessoa, um mesmo texto literário, lido por pessoas residentes na mesma localidade, levará a diferentes entendimentos devido às experiências de vida, pensamentos, percepções e atitudes em relação ao meio que vivem ou da história de vida de cada um.

A leitura de obras de literatura é uma opção de desenvolver métodos capazes de coadjuvar para a construção do conhecimento dos estudantes. De acordo com as Diretrizes Curriculares:

as obras literárias, por sua vez, podem ser entendidas como uma representação social condicionada a certos períodos históricos e utilizadas, no ensino da Geografia, como instrumento de análise e confronto com outros contextos históricos. Além disso, facilitam abordagens pedagógicas interdisciplinares (SEED, 2008, p. 52).

A prática da leitura dos livros literários tem possibilidade de dar ao leitor outra opção pedagógica que é a de desenvolver a capacidade de interpretação, da imaginação e da criação de textos. As Diretrizes Curriculares sinalizam que

a intervenção docente, ganha destaque à relação dialética entre a obra, ou parte dela, e as concepções cotidianas dos alunos sobre o tema tratado. Ao trabalhar com literatura, o professor deve pautar a abordagem geográfica às possibilidades oferecidas pela obra considerando a adequação da linguagem à etapa de escolarização dos alunos (SEED, 2008, p. 52).

Para Antonello, Moura e Tsudamoto (2005) a Literatura, como recurso para o ensino de Geografia, tem como função educar para conduzir o sujeito a enxergar, observar, questionar e analisar o que já existe de fato, expandindo a sua visão de mundo, bem como compreender que a literatura mostra o espaço por ele vivido numa relação com a sociedade. Colferai e Gomes (s/d) complementam que o importante, no sentido pedagógico, é a literatura ser um objeto para que o estudante possa refletir sobre o seu modo de vida, as condições que o meio pode oferecer para se ter uma vida mais digna, não alienada.

Lopes e Vasconcellos (s/d) ratificam quando dizem que

no campo da infância a paisagem aparece como uma força reveladora, pois as sociedades, ao reservarem um lugar social para suas crianças, criam formas, elaboram artefatos que materializam as concepções de infância pré-existentes nesse contexto social, construindo o que denominamos 'paisagens de infância'.

Atualmente, a sociedade preocupa-se com a inserção da criança como cidadão, possibilitando um amplo espaço de negociação que resulta a produção de culturas de criança, de lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições e das territorialidades de criança, resultando desse embate uma configuração a qual chamamos territorialidades infantis (LOPES; VASCONCELLOS, s/d).

O acesso aos diferentes estratos dessas paisagens torna possível cartografar, não só as concepções de infância que foram sistematizadas ao longo de sua produção - e se constituíram como formas no espaço – como também, nos possibilitam acessar os diferentes agentes que a produziram, inclusive a participação (ou não) das crianças nesse processo (LOPES; VASCONCELLOS, s/d).

Segundo Lopes e Vasconcellos (s/d) “para as crianças, a prática espacial é uma prática de ‘territoriolugar’, já que apreendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto, da sociedade em que se inserem”.

A Geografia, na sua prática escolar, tem papel significativo para a formação do estudante-cidadão à medida que esta fornece mecanismos para a leitura da realidade e ajuda-o a aprender a observar, perguntar, descrever, comparar e contextualizar os acontecimentos considerando as dimensões de espaço e tempo.

3.1 Apontamentos sobre as formas de abordagens das categorias de análise lugar e paisagem nas obras analisadas

Os livros nos remetem a lugares, que podem ser imaginários ou não, repletos de culturas e significados que são mais ou menos compreendidos pelos leitores na medida em que o autor, o enredo e o leitor partilham os seus significados construídos socialmente. Essa partilha de significados é o que faz com que os livros tenham este poder de transportar os leitores, para outros tempos e espaços. Considerando os livros como construções sociais, que dialogam sobre um tempo-espaço, mesmo que fictício ou imaginário, são narrativas passíveis de se identificar elementos geográficos como os conceitos de lugar e paisagem. Levando em consideração que toda narrativa precisa de “lugar” para acontecer, a Geografia está intrinsecamente ligada aos imaginários dos autores. A Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016, p. 219) faz refletir

como superar os desafios de ler o mundo hoje? É preciso buscar, estabelecer nas práticas pedagógicas aberturas nas formas homogeneizantes de ensinar sobre o espaço geográfico. É preciso exercitar outras possibilidades de ensinar Geografia, abrindo-se à imaginação, à criação e à experimentação junto aos procedimentos científicos que embasam a Área do Conhecimento. Importa tomar o espaço também como intensidade de vida e de ações, e não como palco neutro e estático.

A literatura regional tem por tradição dialogar com elementos culturais passíveis de identificação por parte do público do lugar ao qual a narrativa está ambientada. Desta forma os livros de literatura infantil catarinense são impregnados de referenciais históricos e geográficos, assim como características da cultura predominante nestes espaços.

A Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (2016, p. 220) destaca que

a música e a literatura introduzem sonoridades diversas e constroem, pelas paisagens imaginárias, lugares e territórios habitados tanto por personagens fictícios como reais. Esses diferentes tipos de textos, além dos jornais e revistas (impressos ou digitais), mostram um pouco do cotidiano aliando reflexões acerca do espaço.

Desse, recomenda-se para este eixo:

- a) a leitura de paisagens: levar em consideração as escalas temporais, sociais e espaciais na análise;
- b) a cidade de Florianópolis: partir da cidade em que os/as estudantes vivem e da forma sob a qual a percebem como meio de expressar os distintos processos sociais, culturais e históricos que a formaram (FLORIANÓPOLIS, 2016, p. 226).

Os conhecimentos obtidos na formação acadêmica acerca dos conceitos geográficos que norteiam o estudo e pesquisa em Geografia permite que possamos identificar os principais conceitos geográficos em livros de literatura infantil e juvenil catarinense. Assim como dá subsídio para elencar possibilidades de abordagens pedagógicas utilizando este recurso didático. Bueno (2011) afirma que o estudo do lugar faculta recuperar algumas práticas como trabalhos de campo, entrevistas, recursos de representação gráfica: croquis, perfis, documentação fotográfica. Permite, ainda, utilizar meios de comunicação como televisão, Internet e vídeo. Este configurou-se como nosso desafio nesta pesquisa.

A metodologia de pesquisa seguiu com um levantamento do estado da arte sobre a Geografia e a Literatura Infantil e Juvenil, por conseguinte da escolha pela forma de organização e exposição dos dados. Para as palavras – chave “Geografia e Literatura infantil e juvenil” nenhum registro foi recuperado. Para as palavras – chave “Geografia e Literatura infantil” também não foi recuperado nenhum registro. Já para as palavras – chave “Geografia e literatura” foram recuperados 34 registros⁴. Com essa consulta foram identificados um quantitativo de 30 trabalhos entre os anos de 2008 a 2018, sendo 23 dissertações.

De modo geral as dissertações e teses analisadas abarcam a temática “regionalista”. Os títulos anunciam os conceitos geográficos e trilham um caminho construído entre a Geografia e a Literatura analisando obras para adultos.

Duas dissertações e uma tese merecem destaque, pois analisam como a literatura pode contribuir na construção do conhecimento geográfico enquanto recurso auxiliar explorando os conceitos de paisagem, espaço geográfico, lugar e elaboram propostas pedagógicas para estudantes do Ensino Fundamental envolvendo obras literárias como

⁴Disponível em:

<http://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?sort=relevance&join=AND&lookfor0%5B%5D=%22geografia+e+literatura%22&type0%5B%5D=AllFields&bool0%5B%5D=AND&illustration=-1&daterange%5B%5D=publishDate&publishDatefrom=2008&publishDateto=2018>

poesia e cordel. A primeira dissertação está intitulada: *(Re) leituras geográficas: possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar*. O objetivo dessa pesquisa foi: analisar como a literatura pode contribuir na construção do conhecimento geográfico enquanto recurso auxiliar. A segunda dissertação está intitulada: *A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de Geografia*. O objetivo dessa pesquisa foi analisar as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. O terceiro trabalho em questão traz o seguinte título: *O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina*, cujo objetivo da pesquisa foi: entender de que forma os poemas de Cora Coralina, poetisa goiana, especificamente os que caracterizam o entendimento do lugar, poderiam contribuir metodologicamente com os conteúdos da Geografia no Estado de Goiás na Educação Básica. Apesar da proximidade com a temática as três pesquisas supracitadas se diferem do meu Trabalho de Conclusão de Curso, pela particularidade do objetivo Geral e especialmente pelas peculiaridades dos objetivos específicos supracitados – o que torna essa pesquisa diferente das encontradas na consulta do Estado da arte.

Com relação à seleção de livros de autores catarinenses se deu pela oportunidade de explorar o conceito de lugar presente nestas obras, além de poder situar espacialmente as narrativas abordando paisagens conhecidas e explorar elementos do cotidiano dos estudantes despertando um sentimento de pertencimento e de identidade. A escolha das obras foi baseada no catálogo online⁵ de literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina e por estarem disponíveis na Biblioteca Pública de Santa Catarina. Este catálogo sob o título de Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina: escritores, ilustradores, tradutores e seus títulos. Está na 3ª edição, elaborado em 2017 organizado por Eliane Debus e Maria Laura Pozzobon Spengler reúne resenhas de 115 livros, 46 biografias de escritores/ ilustradores/ tradutores, que somando ao material produzido anteriormente na primeira e segunda edição totalizam 952 livros e 285 biografias. O objetivo da divulgação do mapeamento da produção literária em meio eletrônico é o de socializar de forma gratuita as informações sobre a literatura em/de Santa Catarina, com vistas a estabelecer um diálogo com o leitor, seja ele criança,

⁵ Disponível em: <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/>.

jovem ou mesmo o professor, que busca acesso dinâmico às informações a partir de uma ferramenta tão importante nos dias de hoje (DEBUS; SPENGLER, 2017). Esse catálogo é um importante veículo para divulgar a produção literária infantil e juvenil catarinense.

A partir de uma seleção prévia (quanto aos títulos presentes no catálogo) pós leitura das obras foram selecionadas as obras que demonstraram potencial de serem empregadas no que tange às categorias lugar e paisagem como propostas didáticas. Havendo a disponibilidade dos livros na biblioteca, estes foram tomados de empréstimo. Durante a seleção, observou-se que o catálogo é composto por autores que não são catarinenses, mas, que estão radicados no Estado. Optou-se por selecionar obras que abordassem a temática da ilha de Florianópolis porque pretende-se trabalhar com a rede municipal de Florianópolis juntamente com a Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Escolheu-se para análise três exemplares, este recorte foi realizado em virtude do tempo para a pesquisa e da complexidade da análise que se objetivou fazer. Os três livros pertencem a Coleção Pró- Criança que está disponível para empréstimo na Biblioteca Pública de Santa Catarina.

O primeiro livro é *A baleia da praia da Armação* da autora Gladys Mary Ghizoni Teive de 1985 foi um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), no ano de 1984, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança.

O segundo livro é *A lenda do peixe boi* de autoria de Fábio Brüggemann e Danuza Meneghello também um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança.

O terceiro livro é *As traquinagens da tainha Troc* do autor Eduardo Saavedra e pertencente da mesma coleção.

4 ANÁLISE SOBRE OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS IDENTIFICADOS NOS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A partir de uma seleção prévia dos títulos presentes no catálogo online Literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina: escritores, ilustradores, tradutores e seus títulos foram selecionadas as obras que demonstraram potencial de serem empregadas para o ensino de Geografia.

Optou-se por analisar três exemplares de livros em virtude do tempo para a pesquisa e da complexidade da análise que se objetivou fazer.

O primeiro livro analisado está intitulado como *A baleia da praia da Armação* da autora Gladys Mary Ghizoni Teive de 1985 (Figura 1) foi um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), no ano de 1984, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança, Ano 1, exemplar 1. Ilustrações de Astrid Munch, já falecida. A autora nasceu no município de Guaramirim – Santa Catarina (SC) e reside em Florianópolis – Santa Catarina (SC) desde 1971. Em 1976, começa a trabalhar com crianças de pré-escola e encontra nelas material para as suas histórias. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). É professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) na linha de História e Historiografia da Educação.

Figura 1 – Capa do Livro A baleia da Praia da Armação



Fonte: Teive (1985)

De gênero infantil e juvenil, a narrativa é ambientada na cidade de Florianópolis, Santa Catarina – Brasil, mais especificamente na praia da Armação do Pântano do Sul. Tem como temática principal a preservação do meio ambiente, aqui a conservação do mar e seus habitantes. O livro apresenta o fundo do mar e seus moradores (peixes coloridos de vários tamanhos e tipos, polvos, cavalos marinho, arraias, corais, conchas), os bairros e suas características. O livro possui uma linguagem acessível que explora a imaginação da criança, por ser um menino o protagonista da história o que possibilita a identificação da criança, deixando-a livre para usar a criatividade.

A história trata de uma baleia e um menino que se encontram. A baleia Zinha e o menino Lucas se tornam amigos e com isso surge a possibilidade do menino ser o porta-voz da natureza. Zinha, a baleia, o leva para passear no fundo do mar e mostra todas as mazelas, como a utilização inadequada dos recursos hídricos: uso irregular para irrigação de monoculturas; uso intensivo de agrotóxicos nas lavouras atingindo os lençóis freáticos; processo desordenado de urbanização que polui os rios e mares com o despejo ilícito de esgotos provocado pelos humanos.

O menino percebe que Zinha, a baleia, tinha um olhar triste, ela o leva para passear no fundo do mar, avista peixes de várias cores, que também tinham olhares tristes. Passam por um bairro mais calmo, onde moram as ostras, as quais passavam muito tempo trancadas em casa, fazendo pérolas. Mais à frente, passam pelo bairro dos polvos, mais barulhento que o anterior. Os polvos o atacam e o culpam pela sua “desgraça” (a destruição da vida no mar). Zinha então, sem paciência, manda que o soltem, dizendo que o menino não deve ser culpado pelo que os grandes fazem. Em seguida conhece a rainha, uma lagosta dourada, sentada numa concha, puxada por cavalos marinhos, a qual manda que Luca se aproxime dizendo que precisam conversar. A rainha o leva para conhecer o palácio, com corais, conchas, pérolas e pedras, que faziam o palácio brilhar por fora. Em seu interior tudo era diferente, parecendo um hospital, com injeções e remédios. Ao conhecer todo o palácio percebia que era cada vez mais triste. Com peixes tristes, por estarem adoecendo. A rainha explica o real motivo de sua visita, a sua escolha para uma grande missão, contar que a vida no fundo mar estava a acabar, pedir para que os homens não poluam mais as águas, que querem viver. Pede ainda que o menino os ajude.

Ao retornar de sua viagem, o menino Luca se torna o porta-voz dos animais aquáticos e luta pela preservação da natureza indo aos meios de comunicação e denunciando todas as desgraças provocadas pelo homem.

A baleia da praia da Armação é uma narrativa que por certo provoca no leitor reflexões sobre a melhor forma de convivência homem e natureza. Retrata a paisagem do fundo do mar como bastante diversa, com lugares com características comuns às do mundo real (bairros calmos e bairros agitados). Instiga a refletir a respeito do ambiente que estava poluído, mas também lembra que é importante conscientizar desde pequeno, que os hábitos podem ser mudados. Os conceitos de lugar e de paisagem são trabalhados na ambientação da história, ao descrever o fundo do mar, com elementos do cotidiano das cidades (faz uma comparação), do reconhecimento de características específicas dos bairros, da vida submarina ao tratar dos temas ambientais.

O segundo livro analisado está intitulado *A lenda do peixe boi* de Fábio Brüggemann e Danuza Meneghello (Figura 2).

O autor Fábio Brüggemann nasceu em Lages em janeiro de 1962. É escritor, editor, diretor cinematográfico, dramaturgo e roteirista. Atua como editor na Editora

Letras Contemporâneas, desde 1994 e como colunista do jornal Diário Catarinense, desde 2002.

Danuza Meneghello nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul (RS), cursou Geografia (1990) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Participou do I e II Concurso de Histórias da Ladesc, com os livros *A lenda do Peixe boi* (1985), em parceria com Fábio Brüggemann; e *A Terra do Passavento* (1986). Atualmente, é professora de Geografia no Colégio de Aplicação, na UFSC e coordena projetos como o Córdoba (2007), Capoeira Angola Ajagunã de Palmares (2003), e Capoeira da Ilha (2009).

O livro *A lenda do peixe boi* é uma feliz parceria entre Fábio Brüggemann Danuza Meneghello e foi um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), no ano de 1984, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança, Ano 1.

Figura 2 – Capa do Livro *A lenda do Peixe Boi*



Fonte: Brüggemann; Meneghello (1985).

O livro narra a história de um boi que enxergava tudo duplo, pois era vesgo e tinha o sonho de conhecer o mar. Havia uma fazenda, próximo ao mar, onde um boi pastava. Todos os dias o boi enquanto comia observava o mar e os animais ao seu redor. O boi tinha vontade de fugir, pular por cima da cerca, mas o sol o atrapalhava. Ele, que tudo via duplicado por causa de sua vesguice, resolveu subverter a ordem e fazer com que o sol não aparecesse. Certo dia acordou mais cedo que o galo, que considerava que acordava o sol, e amarrou o bico dele com um barbante. Quando o galo levantou logo cedo não conseguiu cantar para chamar o sol. Sem sol e sem cantoria estava livre o boi para viver sua grande aventura: brincar com os peixes do mar. O boi assim que levantou correu e pulou por cima da cerca. Pôs-se a admirar olhando o mar e comemorar que agora estava livre do confinamento. Foi então que encontrou seu amigo peixe que costumava dançar na água. Tomara um susto, mas logo já começou a dançar na beira da água com o peixinho. A Dona Rendeira achou a cena muito engraçada, o peixinho e o boi dançando e aproximou-se para observar. Convidaram para que Dona Rendeira participar da festa e cantarem juntos.

A festa foi tanta que até Dona Rendeira foi chamada para dividir a alegria do encontro:

“_ Dona Rendeira, Dona Rendeira, chamavam os bichos, - vem dançar co’ a gente. E ela não perdeu tempo, entrou na roda e dançou pra valer”.
Fizeram até uma musiquinha, que era assim:

Dançaram na madrugada,
Cantaram a noite inteira
E Dona Rendeira, admirada
Com a peixarada,
Entrou no mar.
(BRUGGEMANN; MENEGHELLO, 1985, p. 6).

O Galo enfim conseguiu se soltar e começou a cacarejar. O sol, ouvindo o cacarejo, despertou e ainda meio sonolento observava a festança debruçado sobre o morro. Ficou preocupado pois já estavam todos acordados e ele recém havia despertado. Convidaram então o Sol para participar da festa e mais que depressa mergulhou na água, Dona Rendeira que já estava cansada voltou para a Casinha Amarela. E lá no mar o boi já estava apavorado, pois não sabia nadar direito. Observou os outros peixes, de todos os tamanhos. Um polvo o abraçou, como não conhecia achou que fosse Dona Aranha. O Siri mordeu sua pata até mugir. Conheceu os demais animais, como o Camarão e a Lagosta, que o convidou para visitar sua casa. Conheceu também o peixe-

cavalo e um peixe-galo. Parecia uma grande fazenda, porém sem cercas e sem homens que comem carne de boi. Quando chegou próximo ao meio dia sua barriga começou a roncar, então, perguntou aos peixes do quê eles se alimentavam. Responderam que era de minhocas e algas, então o boi saiu pelo mar a pastar.

Comeu tanto que ficou do tamanho de uma baleia e dormiu a tarde inteira. Só acordou com o canto da Sereia anunciando a festa do mar. O tempo foi passando, os peixes brincalhões e sabidos fugiam das redes dos pescadores. O boi, convidado para ficar dentro do mar, de tanto comer algas e nadar começou a notar que não tinha mais patas, mas sim barbatanas, o rabo era igual ao dos peixes e o mugido se transformou na fala dos peixes, e aos poucos se tornou um Peixe-Boi, todo vermelho e cheio de esperança. Mas de vez em quando ele dava cabeçadas em outros peixes e navios, ou cumprimentava os peixes duas vezes com os olhinhos atravessados.

A narrativa, carregada de *nonsense*⁶, tem um jogo de linguagem. Os escritores constroem, de forma criativa, uma versão para a origem do peixe boi. Nascido mamífero, o personagem boi, meio vesgo, tinha o desejo de brincar com os peixes do mar. A história fala sobre liberdade, sobre amizades e como os seres vivos se adaptam a diferentes situações. O livro aborda o conceito de paisagem por meio da ambientação bucólica ao retratar o espaço rural. Faz correlações entre a vida da fazenda e a vida subaquática apontando similaridades entre as duas paisagens, assim como as demais características próprias de cada ambiente.

O terceiro livro analisado está intitulado como *As traquinagens da tainha Troc* (Figura 3) do autor Eduardo Saavedra.

Eduardo Saavedra nasceu no município de Araranguá – Santa Catarina (SC). Seu livro *As traquinagens da tainha Troc* foi um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), no ano de 1984, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança, Ano 1, exemplar 8.

⁶ frase, linguagem, dito, arrazoado etc. desprovido de significação ou coerência; absurdo, disparate.

Figura 3 – Capa do Livro *As traquinagens da Tainha Troc*



Fonte: Saavedra (1985).

O livro *As traquinagens da tainha Troc*, de Eduardo Saavedra, foi um dos classificados no “Concurso de Histórias para a Infância Catarinense”, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo e promovido pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), no ano de 1984, e publicado em 1985, na Coleção Pró-criança, Ano 1, exemplar 8.

A narrativa é ambientada na Barra da Lagoa, comunidade de pescadores localizada em Florianópolis – Santa Catarina (SC) - Brasil, e é protagonizada pela família Oliveira: mãe, pai e os filhos Pedro e Cora. Pedro ouvira dos pescadores sobre a existência de uma Tainha duende, capaz de viver fora d’água e fazer traquinagens. Somente ele era influenciado por essas histórias dos homens do mar.

Certo dia hospedou-se na casa do menino a Tainha Troc, e todos a receberam com muita alegria. No entanto, Troc começou a fazer estripulias e, lógico, o primeiro a perceber foi Pedro. Ninguém acreditou no menino, até que todos da família foram submetidos aos desmandos da tainha: foi a meia de Cora que desapareceu, o pudim da mãe que ficou salgado e o jornal do pai amassado. Para dar um novo rumo à vida de

Troc, o menino Pedro desenhou na parede, com lápis coloridos, um barco e “quando Troc o viu, saltou na parede, começou a remar e... foi-se no barco.” O contraponto das ilustrações em preto e branco, de Nice, com as ilustrações das duas últimas páginas em que Troc entra no barco colorido compõe um cenário mágico no qual tudo é possível. A tainha é um animal muito significativo na cultura florianopolitana sendo um dos símbolos, já que historicamente serviu de alimento aos pescadores e seus familiares. Ao trazer este elemento cultural para a estória, o autor dialoga com o cotidiano do leitor. A temporada de pesca é marcada pela grande espera para que as tainhas cheguem ao litoral catarinense, sendo que nadam em cardumes, e quando se avista os cardumes logo começa o alvoroço.

O processo de retirar as redes das águas cercando as tainhas gera muitas risadas, alegria e sentimento de união da comunidade, sendo que muitas vezes é o momento em que os transeuntes que passam pelo local ajudam a puxar as redes. É nessa hora que muitas tainhas conseguem escapar, quando não se tem gente suficiente para auxiliar, conseguindo então fugirem por baixo da rede ou até mesmo pulando por cima. Daí vem a fama de que são travessas.

4.1 Algumas proposições sobre possibilidades de trabalhos pedagógicos

Neste item, sugere-se algumas proposições didáticas para estudantes e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A proposta para o primeiro livro “**A baleia da Praia da Armação**” tem como objetivos:

- a) Compreender a história entendendo que é parte integrante desse espaço e que faz parte de sua identidade como sujeito histórico;
- b) Reconhecer as características geográficas do lugar onde reside e a importância do litoral;
- c) Refletir para a importância de se preservar a natureza;
- d) Descobrir o quanto já sabe sobre o espaço vivido

Os principais conteúdos tratados podem vir a ser: a preservação do meio ambiente, o litoral, a paisagem e o lugar.

Recursos: o livro de literatura em questão; lápis, lápis de cor, giz de cera, canetinhas coloridas, papel, “pranchetas”, recortes de notícias e imagens em jornais impressos.

Proposta de Proposições didáticas

Saída de campo com contação de histórias

Propor uma saída de campo para o Matadeiro ou Armação e contar a história para os estudantes, nesse ambiente, para perceberem/vivenciarem o ambiente em que se passa a história. Depois disso, construiremos um mapa, fazer um mapa mental de Florianópolis, em que cada um irá localizar sua casa e onde ocorreu a história.

Em um próximo encontro, promover um debate com os seguintes tópicos:

- comparar os bairros das ostras e dos polvos com a nossa realidade (semelhanças e diferenças);
- o que aconteceria na sequência da história? As coisas mudariam ou continuaria poluído?
- o que poderia ser feito para despoluir o mar?

Numa próxima aula mostrar o mapa da ilha e suas praias e explorar os nomes discutindo o porquê das praias “Matadeiro” e “Armação” chamarem assim.

Explorar no mapa, a proximidade de fluxos, a economia, e degradação ambiental nas paisagens, por exemplo: a ilha do Campeche perdeu toda a cobertura vegetal – possível saída de campo para a ilha do Campeche.

Sugestão de outras proposições didáticas possíveis

Outra atividade possível é realizar um mutirão no Matadeiro e na Armação para coletar o lixo que iria para o mar e construir um painel com o lixo recolhido, depois expor na Biblioteca do colégio.

Outra possibilidade é visitar o Projeto TAMAR para observar como as tartarugas ainda sofrem com lixo.

Outra atividade que se pode fazer é um debate articulando com reportagens e temas atuais: Florianópolis é palco de evento mundial que discute o fim da proibição da caça comercial de baleias⁷. Propor aos estudantes serem “porta-voz dos animais aquáticos” e lutar pela preservação da natureza indo aos meios de comunicação e denunciando todas as desgraças provocadas pelo homem”. Construir painel com cartazes de denúncia.

Sugestão de formas de Avaliação

A avaliação acontecerá no processo da atividade, que será a construção de um mapa mental de Florianópolis. Também serão avaliadas as respostas dos debates e a qualidade.

A proposta para o segundo livro “**A lenda do peixe boi**” tem como objetivos:

- a) Compreender a história entendendo que é parte integrante desse espaço e que faz parte de sua identidade como sujeito histórico;
- b) Reconhecer os aspectos culturais e econômicos do lugar em que se reside;
- c) Relacionar elementos históricos e geográficos da colonização de Florianópolis;
- d) Reconhecer os elementos que estão presentes na paisagem que constitui o espaço vivido pelo estudante.

Os principais conteúdos tratados podem vir a ser: aspectos culturais e econômicos, colonização, hábitos.

O segundo livro explora aspectos da cultura, renda de bilro, hábitos alimentares dos ilheus, importância da pesca como atividade econômica nos centros históricos.

Recursos: o livro de literatura em questão, fotos antigas e atuais de Florianópolis de cidades com colonização vicentista açoriana, canetas, lápis, papel pardo.

⁷Ver o link: <https://www.nsctotal.com.br/colunistas/anderson-silva/florianopolis-e-palco-de-evento-mundial-que-discute-o-fim-da-proibicao-da>.

Proposta de Proposições didáticas

Saída de campo para Museu e Ribeirão da Ilha

Contar a história em sala de aula, antes da saída de campo. Pedir para eles escrever o que entenderam da história. Visitar o Ribeirão da Ilha e o museu do bairro. Também, ir com a turma visitar o museu Victor Meirelles para observar a pintura do Centro da cidade do início da colonização, visitar o Mercado Público e a casa da renda. Em outro momento, procurar fotos históricas e fazer uma linha do tempo.

Sugestão de outras proposições didáticas possíveis

Outra atividade sugerida é entrevistar pescadores sobre a atividade econômica e também entrevistar rendeiras. Pesquisar sobre o boi de mamão como influência africana e portuguesa.

Comparar com fotos e paisagens de outros centros históricos de colonização portuguesa como Recife, Juiz de Fora.

Sugestão de formas de Avaliação

A avaliação será a construção de um painel coletivo, todos pintam as características da ilha.

A proposta para o terceiro livro “**As traquinagens da tainha Troc**” tem como objetivos:

- a) Compreender a história entendendo que é parte integrante desse espaço e que faz parte de sua identidade como sujeito histórico;
- b) Refletir para a importância de se preservar a natureza, especialmente o mar;
- c) Entender o mar como espaço/ambiente de captura de recursos para alimentação;
- d) Identificar o mar como espaço/ambiente de captura de recursos econômicos.

Os principais conteúdos tratados podem vir a ser: estrutura econômica local, preservação ambiental, tradições, o mar como espaço/ambiente de captura de recursos para alimentação e sustento (economia).

Recursos: o livro de literatura em questão, canetas, lápis, lápis de cor, rolo de papel pardo, mapas de Santa Catarina e de Florianópolis.

Proposta de Proposições didáticas

Contar a história para as crianças, na biblioteca, com o intuito de incentivar o uso da mesma e o contato com os livros, revistas e todo o material disponível. Em seguida, propor discussão onde se passa a história, localizar mapas, desenvolver pesquisa sobre histórias de pescadores locais.

“ a linha saiu torta como um caminho de montanha”. O que é um caminho de montanha porque ele é torto, como ele é construído?

Falar da importância da pesca da tainha para a economia, de onde vêm as tainhas, das tradições e superstições dos pescadores. Da importância de se preservar o mar para a vida marinha. Pedir que os estudantes pesquisem lendas da ilha, construam narrativas, desenhos das paisagens da ilha, explorar elementos antrópicos e naturais dos desenhos das paisagens, confeccionar um mapa grande localizando onde se passou cada história e o local da escola e onde os estudantes vivem. Que influências a colonização tem atualmente na vida de quem mora em Florianópolis.

Sugestão de formas de Avaliação

A avaliação acontecerá em grupos de três estudantes, em que entrevistarão um pescador e buscarão uma história de pescador para compartilhar com os colegas. Depois, faremos um sarau, em que cada estudante conta/dramatiza como preferir, sua história de pescador.

Outras formas de avaliação e registros

Pedir que os estudantes criem suas próprias histórias sobre Florianópolis e sua cultura. Podem ser narrativas, histórias em quadrinhos, organizar um livro por cada turma, fazer um concurso de melhores histórias e a escola vota. Possível parceria com

professores de História e Português. Realizar saídas no entorno da escola para comparar a degradação ambiental, ver problemas relacionados ao esgoto, lixo, modificações nas paisagens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a transposição de conceitos da ciência geográfica para a Geografia escolar configura-se como um desafio ao professor, embora as legislações regulamentem os currículos, a escolha de recursos e metodologias recai sobre o professor. Pensando nos desafios para ensinar os conceitos de Lugar e de Paisagem para estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, considerando sua capacidade cognitiva e de abstração identificou-se que apenas expor os conceitos na forma em que aparecem nos livros didáticos não dá conta de articular toda a complexidade dos mesmos assim como de que o estudante possa identificá-los no seu entorno, levando estas questões em consideração nesta pesquisa procurou-se trazer uma possibilidade que ainda é pouco explorada na Geografia escolar que é a Literatura infantil e juvenil.

A literatura infantil e juvenil na vida do estudante exerce um papel muito importante no processo de aprendizagem abrindo um leque de debates para diversos temas valendo-se de um riquíssimo instrumento de trabalho para o professor. O estudante que possui o hábito de ler desenvolve a capacidade de imaginar, de recriar, de transpor a literatura para a realidade. Quando a literatura consegue fazer parte do cotidiano do estudante e de sua família, ganha ainda mais forma.

Trazer a literatura infantil e juvenil de autores catarinenses para o ensino de Geografia aproxima os estudantes de seus lugares de vivência, por estas obras serem carregadas de significados passíveis de serem compreendidos dentro de uma cultura ilhéu “manezinha”, que retratam o lugar, hábitos e costumes, a arquitetura, a alimentação, festas e religiosidade fazem com que o estudante identifique os conceitos geográficos no seu entorno tornando-se um processo facilitado com o emprego destas obras. As obras servem ainda para despertar a valorização da cultura e da identidade de um lugar em detrimento ao processo de universalização da cultura que temos presenciado no período técnico científico informacional.

Nos livros identificou-se ora de forma direta ora de forma mais subjetiva os conceitos de lugar e paisagem e a partir da identificação destes conceitos foram definidas propostas didáticas a serem realizadas mediante a contação da história. A contação de história é uma ferramenta fundamental para transmitir conhecimentos e valores essenciais para formação de identidade do estudante. A narração de histórias proporciona ao estudante reflexão sobre seu cotidiano, uma vez que, muitas literaturas

infantis fazem ligação de maneira simples com os fatos presentes no seu cotidiano. A aproximação das narrativas infantis com a realidade vivida pelo estudante é uma característica de grande importância para o desenvolvimento intelectual e formação de identidade da criança, assim como, propõe o incentivo à leitura contribuindo para formação de futuros leitores. A partir da contação de história seja ela no ambiente escolar ou no caso das obras escolhidas, a contação pode ocorrer em praias reais do município de Florianópolis, que são os lugares onde se passam os enredos das histórias. Estes lugares reais são retratados de forma mágica, cheia de possibilidades e também de ensinamentos por trás das narrativas, o resgate a identidade e costumes pode ser evidenciado neste processo de ensino aprendizagem utilizando como recurso a literatura.

As propostas didáticas auxiliarão o professor no ensino da Geografia, trazendo uma forma lúdica e interdisciplinar na compreensão do estudante em seu papel na configuração atual do espaço geográfico criando noções da importância da preservação do meio ambiente e principalmente compreender que os fatos que ocorrem em seu meio próximo contribuem para fenômenos em outras escalas, vistos no espaço global, assim como podem identificar a influência de acontecimentos de escala global no local de vivência.

A utilização de literatura nas aulas de Geografia pode ainda contribuir para estimular os estudantes a serem leitores permitindo a entrada em um mundo desconhecido, porém, instigante, que desenvolve o imaginário, e desperta a curiosidade. A leitura de textos literários é uma forma de se perceber o mundo e a realidade que o cerca, possibilitando a formação de cidadãos capazes de entender a realidade social, atuar sobre ela e transformá-la. E porque não autores das suas narrativas de vida? Acredito piamente que a articulação dos conceitos geográficos com o aspecto lúdico trazido pelos livros de literatura infantil e juvenil pode contribuir para a aprendizagem significativa pelos estudantes, além de possivelmente despertar o interesse dos mesmos por outras formas de literatura.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ANTONELLO, Ideni T.; MOURA, Jeani Delgado de; TSUDAMOTO, Ruth Y. **Múltiplas Geografias**: Ensino – Pesquisa – reflexão. Londrina: Edições Humanidade, 2005. v. II.

ALMEIDA, Rosangela Doin de; PASSINI, Elza Y. **O espaço geográfico**: ensino e representação. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008. (Repensando o Ensino).

ARALDI, Adriana Rosinha, e In. REGO Nelson, SUERTEGARY Dirce, HEINDRICH Álvaro. **Construção do conhecimento através da interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS: Orgs. Geografia e Educação: Geração de Ambiências, 2000.

BATISTA, Gláucia Aparecida. **Entre causos e contos**: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. 2007. Dissertação (Mestrado) – UNITAU, Taubaté, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2017. Disponível em: < http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 out. 2018.

BRUGGEMANN, Fábio; MENEGHELLO, Danuza. **A lenda do peixe boi**. Il. Zito. Florianópolis: LADESC, 1985.

BUENO, Miriam Aparecida. A Geografia escolar e a ideia de lugar no currículo a partir da elaboração de mapas mentais. In: CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica**: reflexão e prática (Org). Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. (Coleção Ciências Sociais).

BUSATTO, Cleo. **Contar e Encantar**. 5. ed. São Paulo: Vozes. 2010.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. Florianópolis: UFSC, 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. O livro didático no contexto dos processos de avaliação. **Revista OKARA**: Geografia em debate, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 273-290, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. O estudo do lugar e a pesquisa como princípio da aprendizagem. **Espaços da Escola**, Ijuí, n. 47, jan./mar. 2003.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia**. Práticas e Textualizações no Cotidiano. Porto Alegre: Editora Mediação, 2000, p. 83- 131.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO, 1, 2010. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010, p. 1 – 16.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A Geografia escolar e a cidade**. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 9. ed. Campinas: Papyrus, 2006.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Tradução Margareth de Castro Afeche Pimenta e Joana Afeche Pimenta. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2003. 287 p.

COLFERAI, Deniza Inês Giongo; GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. A literatura como instrumento para uma Geografia do campo. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1605-8.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato L. Denis Cosgrove. A paisagem e as imagens. In. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n.29, p.7-21, jan./jun., 2011.

DEBUS, Eliane; SPENGLER, Maria Laura. **Literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina: escritores, ilustradores, tradutores e seus títulos**. 2017. 3. ed. Disponível em: <<http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação. Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. 2016. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/23_06_2017_11.13.21.b097b0d2d26af5819c89e809f8f527a2.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, p. 49-75.

GUIMARÃES, Iara. Ensino de Geografia, mídia e produção de sentidos. **Terra Livre**, v. 28, p. 45-66, 2007.

GUSMÃO-GARCIA, Sílvia Craveiro; SILVA, Antonio Manoel dos Santos. A criança, o livro e o gosto pela leitura. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2009. Disponível em:

<<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/17/11>>.

Acesso em: 30 nov. 2017.

KOTHE, Flávio. **Para ler Benjamin**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

KUBO, Olga Mitsue; BOTOMÉ, Sílvio Paulo. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 5, 2001.

Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321>>. Acesso em: 17 out. 2018.

LEITE, Lhais. **O contexto histórico cultural da literatura infantil**. 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-contexto-historico-da-literatura-infantil/154769>. Acesso em 26 out. 2018.

LIBANEO, José Carlos. Docência universitária: formação do pensamento teórico científico e atuação nos motivos dos alunos. In: D'ÁVILA, Cristina. **Ser professor na contemporaneidade: desafios, ludicidade e protagonismo**. Curitiba: CRV, 2009.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E. P. U., c1986. 99p. (Temas básicos de educação e ensino).

LOPES, Jader Janer; VASCONCELLOS, Tânia. **Desenhando conceitos em Geografia da Infância**. Disponível em: <<http://geografiadainfancia.blogspot.com/p/nossas-pesquisas.html>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

MASSEY, Doreen. **Superando a visão romântica sobre o lugar**. 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/515130-superando-a-visao-romantica-sobre-o-lugar-entrevista-com-a-geografa-doreen-barbara-massey>>. Acesso em: 03 dez. 2018.

MORAES, Fabiano de Oliveira. **Resgate da Tradição Oral**. In: III SEMINÁRIO DE PSICOPEDAGOGIA “EDUCAR E CUIDAR”. Vitória: Saberes, 2006. Disponível em: <<http://www.rodadehistorias.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de Geografia para os anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio**. Curitiba, 2008. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_geo.pdf>.

Acesso em: 18 out. 2018.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007 (Coleção Docência em Formação. Serie Ensino Fundamental).

PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem no ensino da Geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 13, n. 1, p. 283-298, jan./jun. 2007.

RÉGIS, Tamara de Castro. **Um estudo para elaboração de atlas municipal na perspectiva da educação geográfica inclusiva**. 267 p. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168016>>. Acesso em: 03 out. 2018.

SAAVEDRA, Eduardo. **As traquinagens da Tainha Troc. II. Nice**. Florianópolis: LADESC, 1985.

SALTORIS, Daiala Barroso; CARDOSO, Cristiane. Geografia e Literatura: uma proposta para um ensino interdisciplinar. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís. **Anais...** São Luís: AGB, 2016. p. 1 - 12. Disponível em: <http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467662012_ARQUIVO_ArtigoENG.pdf>. Acesso em: 04 out. 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Danusia Aparecida. Literatura infantil catarinense: nas veredas da pesquisa. In: DEBUS, Eliane Santana Dias (Org.). **A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leituras do Brasil e d'além-mar**. Blumenau: Nova Letra, 2008. p. 51-67.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da E; CORRÊA, Roberto L. (ORG). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand. Brasil, 1995.

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. **A baleia da praia da Armação**. II. Astrid Munch. Florianópolis: LADESC, 1985.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org). **Perspectivas da Geografia**, São Paulo: Difel, 1982. P. 143-164.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagogia**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

APÊNDICE A – PESQUISA DO “ESTADO DA ARTE”

ALMEIDA, Alexandre Dalla Barba de. **(Re) leituras geográficas: possibilidades pedagógicas para o aprender e ensinar geografia utilizando a literatura de Júlio Verne enquanto linguagem auxiliar.** 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

A presente pesquisa visa analisar como a literatura pode contribuir na construção do conhecimento geográfico enquanto recurso auxiliar. referencial explora os conceitos de Espaço Geográfico, Paisagem e Imaginário e busca refletir sobre o ensino de Geografia na pós-modernidade. elaboramos propostas pedagógicas que envolvem as obras do referido autor concebendo-as como recurso auxiliar para a (re)construção do conceito geográfico de Paisagem e do conceito multidisciplinar de Imaginário. Por fim, aplicamos as propostas elaboradas com alunos de duas turmas de sexto ano do Ensino Fundamental da educação básica objetivando inferir se as mesmas possibilitam, ou não, a construção de conhecimento geográfico. Essas questões suscitaram reflexões acerca da dependência que as disciplinas escolares possuem uma da outra. Foi possível inferir que por mais que as disciplinas que compõe os currículos escolares pareçam demonstrar certo distanciamento, elas parecem manifestar uma relação recursiva de autonomia e dependência.

MORAGAS, Rosana Alves Ribas. **O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina.** 2017. 150 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

A presente pesquisa analisa a abordagem do ensino de Geografia em um dos conceitos basilares dessa ciência, o lugar. Assim sendo, buscamos entender como esse conceito poderia ser aprendido pelos alunos do 6º ano do Colégio Alcântara de Carvalho, no município de Jataí /GO, relacionando os conceitos científicos geográficos e os conhecimentos cotidianos desses alunos. o objetivo foi entender de que forma os poemas de Cora Coralina, poetisa goiana, especificamente os que caracterizam o entendimento do lugar, poderiam contribuir metodologicamente com os conteúdos da Geografia no Estado de Goiás na Educação Básica. O primeiro capítulo uma discussão sobre o referencial teórico acerca do ensino de Geografia e lugar no contexto da educação geográfica; o segundo, um entendimento da possibilidade relacional entre Geografia e literatura, analisando o uso de poesias na escola, e especificamente os

poemas de Cora Coralina e o lugar; o terceiro capítulo foi destinado ao momento de verificar a contextualização do conceito de lugar presente nos materiais didáticos do Estado de Goiás (Referencial Curricular de Goiás Geografia e livro didático utilizado); o quarto capítulo versa sobre a nossa proposta de entender melhor o lugar, recorrendo à metodologia de sequência didática, que concebe o ensino como sendo um processo de construção, não um produto acabado. Priorizamos nessa sequência o uso de duas poesias de Cora, Minha cidade e Jabuticabal II. Enfatizamos a nossa metodologia no desenvolvimento da sequência didática, com a problematização da temática lugar e seus atributos. Para isso, desenvolvemos atividades prévias sobre o conhecimento dos alunos sobre lugar, atividades escritas, musicais e desenhos sobre o Cerrado que eles conhecem, atividades sobre as duas poesias de Cora Coralina que foram selecionadas e finalizamos a sequência com a enquete sobre o que foi aprendido. Essa tese nos evidenciou que a sequência didática difere e extrapola a ação do plano de aula em si. A sequência didática pressupõe dinâmica, interação, problematização entre os sujeitos da sala de aula, proporcionando uma ação reflexiva sobre os conceitos preconcebidos e agora problematizados e ressignificados após desenvolvimento da sequência didática aplicada. A junção entre sequência didática e as poesias de Cora Coralina foram estratégias didáticas que viabilizaram o conhecimento na escola, levaram esses alunos a repensar os seus lugares enquanto cotidiano vivido e aprendido, enquanto experiência individual e coletiva.

SILVA, Joseilton José de Araújo. **A utilização da literatura de cordel como instrumento didático metodológico no ensino de Geografia**. 2012. 158 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

Este trabalho tem como objetivo principal, analisar as possibilidades da utilização do cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. O cordel objeto de estudo da presente pesquisa, apresenta-se como uma das mais ricas manifestações da cultura popular. Assim sendo, capaz de contextualizar as situações didáticas nas aulas de Geografia e disciplinas afins. Ao aproximar o conhecimento científico do conhecimento popular, o cordel faz uma ponte entre o saber acadêmico e o saber escolar. A Geografia apresenta-se para a escola, na atualidade como uma ciência dinâmica e, portanto, construída no espaço concebido e vivido. Partindo do pressuposto de que o poeta de cordel, aqui caracterizado como cordelista, expressa na sua produção

características de um conhecimento construído nas experiências culturais e cotidianas, que nos revela as concepções da realidade sociocultural de um determinado lugar. A região Nordeste, foi delimitada como recorte espacial da presente pesquisa, à medida que buscamos identificar através de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo, os conteúdos geográficos nestes contidos, que pudessem, efetivamente, caracterizar essa região nas aulas de Geografia. O caráter educacional e informacional contido nos cordéis pode vir a ser um recurso didático-metodológico capaz de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, na educação básica. Este, já vem tendo o seu valor reconhecido no ensino superior. Entretanto, com algumas exceções, na educação básica este ainda é pouco aproveitado. Para formular o percurso teórico-metodológico do trabalho que ora apresentamos, procuramos mostrar a relação entre cultura, saber popular e científico abordando perspectivas da Geografia Crítica e Cultural e provocando um diálogo entre as Geografias Acadêmica e Escolar. Buscando evidenciar as potencialidades do cordel, traçamos um panorama histórico e cultural do mesmo no Brasil e no Nordeste. Fazendo uma correlação entre o mesmo e a educação informal. Concluindo nosso processo de pesquisa, analisamos alguns cordéis, procurando identificar o caráter educacional e os conteúdos geográficos sobre o Nordeste nestes contidos. Esperamos que este trabalho possa ajudar futuras pesquisas que tenham por objetivo ampliar o conhecimento sobre o cordel e sua aplicabilidade como instrumento didático-metodológico.